Acervo ISA

Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEDI -
Escritório/SP - Av. Higienópolis, 983 - 01238

CEDI - P.I.B.
DATA 28 05 86
COD. APD08

SOBRE OS ÍNDIOS APURINÃ DE BOCA DO ACRE

A Comissão Pró-Índio do Acre tem como objetivo apoiar o índio em sua luta por melhores condições de vida,pelo seu direito à terra,contra a exploração, contra os abusos discriminatórios que sempre sofreu e ainda sofre,desde os primeiros contatos com o branco. O órgão criado para sua proteção,a FUNAI, tem se mostrado incapaz para levantar essa bandeira e prefer,na maioria das vezes,se omitir,quando o momento exige uma atuação firme e consequente na defesa do povo indígena. Por isso a existencia da Comissão. Por isso a necessidade de,cada vez mais,as pessoas tomarem consciência dessa luta e apoiá-la.

No dia 23 de setembro pp,no Posto Indígena Camicuã,município de Boca do Acre,habitado pelos índios Apurinã,um membro da comissão foi expulso da área pelo Chefe substituto do Posto,sr.Anacleto Antonio da Silva.Tentávamos,ali, coletar informações sobre o grupo,conhecer seus problemas,suas dificuldades e,para isso,tínhamos já a permissão do líder Apurinã,Alfredo de Oliveira. O sr. Anacleto,desrespeitando a autoridade do chefe indígena e desconhecendo a autonomia daquele povo,fez valer de sua condição de funcionário da FUNAI e,grosseiramente,exigiu que abandonássemos imediatamente o local,deixando incompleto nosso trabalho. Mas,se atentarmos para os relatos das situações que passamos a denunciar,podemos,claramente,entender o sentido de sua atitude,pois seria melhor que certos casos ficassem acobertados,principalmente os que envolvem funcionários e ex-funcionários da FUNAI,além de personalidades ilustres de Boca do Acre. Vejamos:

1. Entre os Km 12 e 15 da Rodovia Br 317,que liga a cidade de Rio Branco a Boca do Acre,vive uma comunidade Apurinã,constituída de 9 famílias.Esse grupo reside no local há mais de 3 decados.Com a abertura da Br 317 e a consequente chegada de "paulistas" com suas transações imobiliárias,além de amazonenses que passaram a se intitular "donos" dos seringais da região, esses índios começaram a sofrer pressões para a desocupação das terras.Apareceu o sr,Zezinho Portugues e se apresentou como proprietário da área.Disse que os Apurinã poderiam permanecer ali enquanto ele fosse dono e que,quando vendesse as terras,não esqueceria de reservar uma parte para seus amigos Apurinã. Mais recentemente,com a crescente especulação imobiliária,e contando com o apoio do grupo Político-Econômico de Boca do Acre,sr.Valdir Ávila,prefeito; Adão Nunes Barbosa,vulgo "Mineirinho",presidente da Câmara dos Vereadores; Mario Diogo de Melo,ex-deputado estadual e ex-prefeito;João Sorbille,vulgo "Cabeça Branca";Irmão Ala,Dodó,mais o ex-funcionário da FUNAI,sr.Antonio Couto Fonseca,entre outros, o sr.Zezinho Portugues e seu sobrinho Francisco de Lima Neto,Juiz de Direito da Comarca,começaram a pressionar os Apurinã para que abandonassem as terras.Começaram "pedindo" que eles saissem.Com a recusa dos índios,passaram a ameaçá-los de despejo,marcando a data para o dia 07.06.79,segundo declarações do índio José Tuchau Filho.O encarregado da ação seria o Capitão PM José Enivaldo Felipe,já conhecido por suas incursões repressivas.

O despejo não se concretizou.Acreditam os índios que foi porque José Tuchau procurou o sr.Zezinho e lhe falou que,caso ele tentasse despejar os Apurinã, ele,Zezinho,seria o primeiro a morrer.

O método de persuasão foi,então,alterado e o Sr.Juiz passou a oferecer indenização a cada família - Cr$ 8.000,00.Procurou a acessoria do sr.Anacleto Antonio da Silva,chefe substituto do P.I. Camicuã,para auxiliá-lo no negócio. Este foi ao local e fez uma avaliação das benfeitorias,decidindo que a indenização seria de Cr$ 10.000,00,oferta esta"aceita" pelo índio Luiz Pinheiro Apurinã,que,na ocasião,se encontrava doente e precisava de dinheiro para se tratar.

No dia 31 de agosto pp,tendo Luiz Pinheiro Apurinã viajado para Rio Branco, o próprio Juiz de Direito se dirigiu ao local onde reside o índio,desmanchou sua casa e,pessoalmente,botou fogo nos restos da mesma e na Casa de Farinha.

O caso desses índios Apurinã mostra claro como tem se dado o relacionamento FUNAI/índios;colocando-se muitas vezes ao lado do explorador. A falta de uma linha política clara e consequente,deixa brechas para que funcionários despreparados e sem critérios assumam atitudes arbitrárias,prepotentes e contrárias aos interesses do povo indígena.

Acervo ISA

2. Outra comunidade Apurinã, constituida de 5 famílias, habita entre os Km 08 e 10 da mesma rodovia. Eles sempre viveram neste local, como conta a índia Elza, onde estão sepultados seus pais e avós em cemitério ainda ali existente. O cemitério, casas e capoeiras antigas, são provas concretas que caracterizam seu habitat natural.
Antes da abertura da rodovia, habitavam os dois lados da mesma, mas tiveram de abandonar um dos lados a "convite" do sr. Dodó, mediante uma indenização.
Recentemente, quando o sr. Antonio Couto Fonseca chefiava o P.I. Camicuã, tiveram início as pressões mais fortes para que desocupassem o local. O primeiro a atacar foi o sr. Rômulo, gerente do Hotel Rosa do Acre, que, usando de ameaças, propôs ao índio Jarina Apurinã a compra de suas terras. Segundo o índio Manoel Apurinã, a proposta foi sugerida pelo então chefe do P.I. Camicuã.
Várias vezes o sr. Rômulo esteve na área e não conseguiu seu intento.
Já afastado da FUNAI, foi o sr. Antonio Couto Fonseca procurar os Apurinã propondo, ele próprio, comprar suas terras. Disse ao índio Jarina que se ele não aceitasse o negócio, providenciaria, junto à FUNAI, a remoção dele e de todo o grupo para o P.I. Camicuã, ficando eles, do mesmo jeito, sem aquelas terras.
Diante de tal ameaça, Jarina não teve saída e se viu forçado a concordar, aceitando a importancia de Cr$ 40.000,00, paga em duas parcelas. O índio, de posse do dinheiro e pressionado a sair da área, deixou sua mulher, Alzira Apurinã, seus filhos e as demais famílias, seguindo para a cidade.
Antonio, imediatamente, contratou pessoal e começou a fazer uma grande derrubada, ao mesmo tempo que continuava pressionando os que ali permaneceram com propostas descabidas e ameaças.
Elza Apurinã, irmã da mulher de Jarina, disse a Antonio que só sairia dali se fosse morta, pois ali nasceram seus pais e seus avós, ali ela nascera e se criara e ali iria criar seus filhos e morrer.
A situação desses índios Apurinã é de total insegurança diante das constantes pressões e ameaças do sr. Antonio. Mas eles estão dispostos a lutar até o fim por suas terras, na expectativa de que a FUNAI tome as providencias necessárias. Resta saber se eles podem mesmo confiar em uma ação decisiva desse órgão ou se, mais uma vez, vão ser enganados com promessas que nunca se realizam.

3. Os Apurinã do Km 121 a 140 da Br 317 também se encontram em difícil situação. Eles se dividem em 3 grupos, dois dos quais habitando ao longo da rodovia e um às margens do rio Acre. São, ao todo, 26 famílias, somando um total de 116 indivíduos. Sempre moraram naquele local, sobrevivendo através da caça, pesca, coleta de castanha e corte de seringa. Os que habitam a rodovia, utilizam também a venda de madeiras de lei como fonte de recursos, prática esta que os próprios índios começaram a duvidar de sua vantagem.
Realizam suas transações comerciais com marreteiros e gerentes de barracão, através do sistema de trocas, trocando borracha e castanha com valor baixíssimo por mercadorias a preços exorbitantes. Além disso, suas terras, apesar da vigilancia que eles mesmo exercem, sofrem constantemente tentativas de invasão, como no caso do sr. Diniz Sutil, que acabou sendo morto por um índio do Km 133, no dia 18/04/78, quando procurava roubar-lhes os direitos sobre aquelas terras. Tambem o sr. Antonio Simão, em outubro de 78, quiz proibí-los de coletar castanha, criando com isso uma situação conflituosa. Em agosto do corrente ano, o sr. José Ferreira iniciou uma derrubada na área dos Apurinã do Km 124, tendo sido impedido de continuar pelos próprios índios.
Os Apurinã das margens do rio Acre, têm que se submeter ao trabalho servil na abertura e limpeza de estradas de seringa e também como peões, para garantirem um mínimo de sobrevivência, já que os "brancos" não lhes permite cortar seringa, pescar ou quebrar castanha.
E os pretensos donos de terras, especuladores e exploradores do trabalho continuam e continuarão surgindo, até que a FUNAI cumpra o seu dever de demarcar as terras dos índios, primeiro passo para assegurar a soberania das Nações Indígenas, bem como, garantir-lhes os meios de sobrevivencia.
O momento exige firmeza e determinação. Não se admitem mais meias medidas e atitudes conciliatórias com os invasores. Ou a FUNAI assume definitivamente o seu papel na defesa do índio, ou assistirá a deflagração de uma verdadeira guerra. Os índios, cada vez mais, estão conscientes de seus direitos e lutam por eles. Exigem ações concretas e não têm mais paciência para esperar passivamente a atuação a passos-de-tartaruga da FUNAI. Estão cansados de promessas, enquanto sentem, no cotidiano, as pressões e ameaças de grupos e pessoas que encontram o campo livre para suas investidas gananciosas.

Acervo ISA

4. Comunidade Apurinã do P.I. Camicuã, município de Boca do Acre-Am.
Apresentamos, na íntegra, o depoimento do líder indígena Apurinã, Alfredo de Oliveira, em entrevista concedida à CPI-Ac, no dia 23/09/79:

CPI-Ac- Como se encontra a situação dos Apurinã do P.I.Camicuã, hoje?

Alfredo Apurinã - "Nóis estamos pedindo uma força para nóis retirarmos nossa área, porque aqui essa terra, o pessoal, o branco tá invadindo dentro de nossa área. Por que ele tira? Ele tira é pra jogar o cabôco no fim do mundo. Mas ele não pode, porque o índio tá na terra dele. O branco não tem terra por aqui não. Quem tem terra é o índio. Índio que tem terra não quer dar nenhum pedaço de terra pro branco, porque nóis quer quebrar castanha dentro de nossa área, nóis quer cortar seringa, nóis quer matar uma caça pra vender, nóis quer fazer roçado, fazer plantio, vender farinha, vender tudo, arroz... Depois, oque nóis pode fazê, nóis faz. Porque nóis sempre precisamo que o pessoal tire logo nossa área, porque tá invadindo dentro de nossa área. Problema que nóis tem só isso mesmo. Que prejudica, só isso mesmo... Porque os antigo, já muito antigo, tiraram a terra, nóis tiremo a terra, o cabôco. Porque nóis, os Apurinã, achamos que já não é tempo da gente morrer mais. Porque nóis, os Apurina, acha muito pouco e quer o que é dele. Nóis queremo nossa área e tudo que tá dentro de nossa área são nosso mesmo. É o que nóis precisa. Por que o governo não dá, não manda um federal pra tirar nossa área, pra nóis ficar tudo sossegado? Só tirar a autorização prá nóis, pronto, só falta isso mesmo. Jogar os fazendeiros e todo pessoal que trabalha dentro da nossa área. Tem que salvar a nossa terra... O patrão já roubou nosso dinheiro no passado. Trabalhando pro patrão, tirando saldinho nóis. Tirando saldo e enganaddo nóis... Naquele tempo, o Mario Diogo era prefeito. O governo mandava muito dinheiro pro índio também. Mandava motor, mandava terçado, enxada, espingarda, tudo, muitas coisa que o governo mandava. Quando chegava em Boca do Acre, ele reparte pra todo mundo, pro branco, e o cabôco quando chegava alí ele empurrava o cabôco-"ocê não tem nada aqui não, vai embora. "Rapaz, eu quero 1Kg de cafezinho". Ele botava uma colher de café. -"eu quero 1 kg de sal". Ele bota um canequinho de sal e dizia:-"Esse aqui voce vai passar um mês pra temperá a bóia". Cadê motor, cadê terçado, cadê enxada? Cadê que dá pro índio? Não tem nehum aí que dá. Tá vendo? Por caso de isso nóis não entrega nenhum pedaço de área pro branco. Judiaram, judiaram e judiaram mesmo. É por caso disso que nóis já sabe. Judiaram muito o cabôco. Essa área daqui é nossa área mesmo. Ninguém pode entregar de jeito nenhum. Deixa o branco fora e quando acabá o branco quer invadir nossa terra. Já invadiram tudo. Não fosse eu aqui o pessoal já tinha entregado essa terra tudo pro branco. Mas eu não posso. Adonde é que nóis vamo caçar, adonde vamo cortar seringa, adonde vamo fazer plantio? É por isso mesmo que nóis não entrega. Não entrega. Eu falo e eles falam também. Todo o pessoal aí. Tá aí meu cunhado que pode dizer. Todo mundo tomou nossa terra. O mario Diogo tomou nossa terra. Por que ele tomou? Porque ele é muito teimoso demais, ele tomou nossa terra. Mas não toma. Acá está nosso seringal. Tanto que eles fizeram e derrubaram dentro de nossa área, castanhal e madeira. Porque ele é muito teimoso. Nóis já fomos três vezes lá empatá com ele, mas ninguém pode empatá com ele de jeito nenhum. Tá aí as roça lá. Eu queria, eu queria mesmo, nóis, todo mundo aqui queria mesmo tirar terra pra nóis. Pronto! Cabou-se o negócio. Cabou-se, cabou-se..."

CPI-Ac - E a FUNAI, o que tem feito pra resolver o problema?

Alfredo Apurinã - "O seu Lavoqui, quando chegou aqui, FUNAI foi muito bom pra nóis. O seu Zé Roberto também, mesma coisa também. Tudo quando chegaram aqui era bom. Agora, seu Antonio é que não presta. Seu Antonio, quando ele chegou aqui, ele fez uma reunião aí, chamou nóis pra ir pra reunião dele, que era pra nóis entregá um pedaço de área pra ele, pra deixar o branco deixar os bois aqui dentro de nossa área. Os outros queria. Mas nóis mesmo, ninguém entregava terra. Aí foi indo, foi indo, quando chegou o seu João, da FUNAI, eu falei, todo mundo falou. Foi por causa de isso que ele se danou com nóis. Aí joguemo ele. Nóis joguemo ele. Até agora ele está pra lá..." (Nesse momento chegou o sr. Anacleto, chefe substituto do Posto, e interrompeu a entrevista).

Rio Branco, outubro de 1.979

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE